

## Os movimentos sociais na-rede - usos e estratégias comunicativas

### Social movements on the web: uses and communication strategies

*Catarina Tereza Farias de Oliveira*

*Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará*

*E-mail:*

*Zoraia Nunes Dutra Ferreira*

*Graduanda em Comunicação Social (Publicidade) – Faculdade Evolutivo*

*E-mail:*

#### Resumo

A pesquisa investiga os usos que os movimentos populares e as organizações não-governamentais (ONGs) fazem da *web*. Temos observado que nos últimos anos essa utilização se tornou freqüente no Brasil. Como exemplos, podemos citar a página da Rádio Favela, emissora situada na cidade de Belo Horizonte e o site Viva Favela, difusor do movimento Viva Rio, no Rio de Janeiro, entre outras experiências nacionais importantes. Em Fortaleza, o bairro Ellery teve a Rádio Mandacaru fechada pela Anatel e encontra-se atualmente com um *site* de apresentação do bairro e do movimento popular. No Bom Jardim, outro bairro de Fortaleza, encontramos duas ONGs, ambas utilizando *sites*. Nossa pesquisa procurou compreender os suportes e as linguagens usadas na apresentação desses *sites*, observando de que forma esses suportes e linguagens representam espaços de participação mais efetivos para a população da comunidade. A pesquisa também teve o interesse de compreender os motivos que levam o movimento popular a usar a *web* em práticas de mobilização e construção de sua visibilidade.

Palavras-chave: Internet, Comunicação e Movimentos Sociais Populares.

#### Primeiras reflexões, como de praxe

Numa primeira abordagem, a *Ágora grega* é apresentada como um espaço público livre de edificações, um palco para convivência, para discussões sobre os mais variados temas, um verdadeiro tribunal popular, onde a expressão do cidadão era direito garantido. Não uma simples praça, mas um verdadeiro símbolo da democracia que ali teve o seu berço. Contudo sabemos que ser cidadão na Grécia era uma representação ampla, mas que restringia a participação das mulheres, dos escravos e dos estrangeiros dessa plenitude democrática e dessa rede de conversação.

Desse riquíssimo exercício de comunicação e persuasão até os dias de hoje, muito já se experimentou. Uns cem números de mudanças se sucederam até que chegamos ao

terceiro milênio de braços dados com a tecnologia.

A parceria comunicação-tecnologia tem sido protagonista de importantes avanços. Um deles, mais e mais, vem se tornando parte de nossas vidas, modificando nosso vocabulário, nossas relações sociais, a cultura, o consumo, o trabalho, o lazer e até mesmo a psique humana. Referimo-nos ao fenômeno da Internet, que ano após ano torna-se mais familiar como mostram as pesquisas de Fabián Echegaray (2003) expostas em seu artigo *Dimensões da Cibercultura no Brasil*. Estamos diante de um invento capaz de modificar, ou já fazendo uso dessa nova linguagem, capaz de “reformatar” a mente humana como o fez a invenção do alfabeto. Manuel Castells (1999) fala da “mente alfabética” e quem sabe dentro em pouco estaremos

falando da “mente digital”.

A intervenção do fenômeno da Internet nos mais diferentes campos tem chamado a atenção de intelectuais e estudiosos já há algum tempo e vislumbra-se, inclusive, a ampliação de algumas teorias da comunicação que pareciam cristalizadas. A possibilidade de difusão das mais diferentes idéias, a quebra do monopólio da informação, a participação de grupos contra-hegemônios, a ausência (pelo menos por enquanto) de fronteiras, o intercâmbio de idéias formando um mosaico, onde a figura final jamais fica pronta, pois a todo momento há uma intervenção e um novo nó se agrega à grande rede, tudo isso levou Dênis de Moraes (2000), em seu artigo *Comunicação Virtual e Cidadania: Movimentos Sociais e Políticos na Internet*, a chamar a Internet de “Ágora do terceiro milênio”. Seria o ciberespaço realmente palco do exercício da democracia, onde os cidadãos poderiam se expressar livremente, ou manteria, como na Grécia Antiga, a exclusão de alguns, já que nem todos eram considerados cidadãos? Todos têm direito a essa “cidadania digital?” Há uma ideologia movendo essa Ágora virtual?

Gostaríamos de lembrar que em todos os tempos as transformações que envolveram o surgimento de tecnologias causaram curiosidades e mudaram as sociabilidades. Um texto em particular, *Culturas do Povo*, de Natalie Davis (1990) nos traz essa referência. A autora reconstrói o momento do surgimento da impressão no cenário urbano e rural do século XVI. Davis (1990) apresenta detalhes do cotidiano dos camponeses, momento em que o livro impresso foi percebido como um instrumento de curiosidade. O texto lembra também que apesar da cultura oral ser central na vida do

homem urbano e rural desse período, a cultura escrita iniciou nesse momento sua introdução na vida cotidiana dessa sociedade, causando talvez o mesmo impacto que a internet estabelece hoje para milhares de pessoas.

Um fator interessante para um olhar que podemos lançar sobre esse momento histórico é nos perguntarmos sobre a relação que as classes populares do século XVI tiveram com o livro, numa época em que a maioria não sabia ler ou escrever. A esse respeito, Davis (1990) esclarece narrando as mais diversas formas de relações que se pode estabelecer com o livro. Naquele período, ela relata que a leitura coletiva foi um modo importante que estabeleceu a principal relação entre a palavra impressa e as classes populares. Davis afirma que esse estilo de leitura em grupo, realizada nas reuniões, nas festas, enfim, nas relações cotidianas, constituiu a interação entre aqueles que sabiam ler e aqueles que ouviam interessadamente a leitura em voz alta, seja nas reuniões rurais ou nas tabernas localizadas nas cidades. Firma-se, aí, uma visão mais clara que nos aproxima da realidade vivida nos momentos iniciais da impressão. Não tínhamos uma cultura escrita estabelecida, mas se estabelecendo sob mediações de leitores e encontros que ocorreram em reuniões e leituras coletivas realizadas por pastores, padres, artistas, etc.

As reflexões de Davis nos deixam, pelo menos, duas pistas para o atual momento em que outro meio de comunicação se tornou central na vida das pessoas. Mesmo num período em que não temos a evidência da cultura digital, da mesma forma que no século XVI não tínhamos a centralidade da cultura escrita, a Internet se impõe

e gradativamente passa a fazer parte da vida das classes populares. No entanto, é nosso interesse acompanhar o processo de utilização e relação que as classes populares estabelecem com essa tecnologia e investigar de que forma os movimentos sociais populares, as ONGs e os grupos culturais propõem ou possibilitam essa relação.

A realidade social é diversa e apresenta uma pluralidade cultural mais rica ainda, que se reflete nos modos como as pessoas se relacionam com as tecnologias, com as artes, com as pessoas, enfim, com os contextos e as práticas que constituem suas vidas. Neste caso, pensamos que conhecer como a cultura digital está surgindo no contexto das classes populares é relevante. Alguns autores já estão problematizando essa questão (Castells, 1999; Sorj, 2003; Canclini, 2005; Nunes, 2006). Alguns mais voltados para a problemática das classes populares, outros situando a questão de forma mais ampla dentro das discussões de identidade, mobilização, questões do mundo do trabalho. Nosso foco da pesquisa procurará seguir um caminho mais próximo daquele que Bernardo Sorj (2003) faz pesquisando a realidade do Rio de Janeiro e do Movimento Viva Rio. Nosso contexto de enfoque, no entanto, será a Região Nordeste, mais precisamente a periferia da cidade de Fortaleza, onde analisaremos, a princípio, os *sites* elaborados pelas ONGs Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa - CDVHS (<http://www.cdvhs.org.br/>) e o site do Movimento de Saúde Mental e Comunitário do Bom Jardim (<http://msmcbj.net/>). Os dois *sites* foram elaborados por ONGs que atuam nesse mesmo bairro e merecem ser investigados para compreendermos, em pesquisa posterior, o cotidiano das classes

populares que se relacionam com essas experiências.

O terceiro *site* a ser analisado é o do bairro Ellery (<http://www.bairroellery.com.br/ellery/index.php>). Esse *site* é diferente dos anteriores porque não se encontra essencialmente no contexto das ONGs, mas propõe a relação com o bairro e seus moradores dentro de outra perspectiva do movimento popular.

A análise dos *sites*: primeiro olhar

O movimento organizado desde 1996 tem o objetivo de cuidar da dimensão psíquica do indivíduo, para que este venha a ter melhores condições de se colocar de uma forma positiva no enfrentamento dos diversos problemas do cotidiano. Esse processo de organização surgiu no Bom Jardim por ser este um cenário de extrema pobreza e grandes problemas socioeconômicos. Os agentes organizadores do movimento foram um grupo de voluntários, composto por lideranças das Comunidades Eclesiais de Base, efervescentes nessa época no Bom Jardim.

O primeiro passo foi preparar profissionais para o atendimento à comunidade e, em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), com a supervisão do idealizador da técnica da terapia comunitária, professor Adalberto Barreto, formou-se um grupo de terapeutas comunitários. Dando continuidade e aprofundamento aos espaços de escuta, em março de 1998 os terapeutas comunitários sentiram a necessidade de se organizarem numa ONG e assim foi fundado o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (<http://msmcbj.net/historia.htm>, 2006).

Atualmente, o Movimento desenvolve muitas atividades: grupos de terapia comunitária; grupos de auto-ajuda para o resgate da auto-estima; atendimentos de massoterapia; atendimentos psicológicos individuais; trabalhos de acompanhamento de crianças e adolescentes, com o projeto Sim à Vida Não às Drogas; trabalhos de formação profissional, na Casa de Aprendizagem Ezequiel Ramin; resgate da relação e do trabalho com a terra, na horta comunitária; investimento na melhoria da qualidade da educação, com o apoio ao Centro de Aprendizagem do Bom Jardim, onde se faz preparação para o vestibular; promoção de cursos de informática. Esta última atividade interessa particularmente à nossa pesquisa, por ser identificada como forma de interação possível de ser promovida para que as classes populares possam se relacionar com as tecnologias emergentes.

O *site* do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim cumpre o seu objetivo de divulgar o trabalho que vem sendo realizado no bairro do Bom Jardim. No *site* encontramos depoimentos de pessoas da comunidade e de visitantes, que expõem suas percepções sobre o trabalho do Movimento. Analisamos que esse recurso, além de demonstrar a mobilidade do movimento e de suas atividades, também funciona como uma publicidade do MSMCBJ. Diversas fotos são colocadas no *site*, como forma de ilustrar as atividades desenvolvidas ao longo da história do Movimento. No entanto, as fotografias não são acompanhadas de nenhum comentário ou legenda. Desse modo, consideramos que essa lacuna impossibilita o entendimento e contextualização do movimento. Sabemos, entretanto, que essa falha é fruto da imaturidade do MSMCBJ

na área eletrônica, fator que representa nossa emergência recente no mundo da cultura digital. A partir desse dado, podemos refletir que se as lideranças que propõem o uso do computador à comunidade ainda encontram dificuldades em utilizar esse meio, qual será a realidade vivida pela grande maioria dos segmentos populares público-alvo desse projeto?

A interação com o receptor é praticamente inexistente no *site*; aparece apenas pela possibilidade de envio de e-mail. Não é notada a participação de pessoas da comunidade em termos de criação de material para o *site*. Não encontramos também nenhuma enquete, instrumento que possibilitaria um certo grau de interação com o Movimento, através do *site*. Porém, poderíamos dizer que o *site* é um cartão de visita ou portal publicitário do Movimento que ainda não é percebido como elemento de interação entre este e a comunidade.

A navegação no *site* do MSMCBJ não se faz agradável devido à quantidade de cores que não combinam entre si, à má diagramação e, na página principal, também existem elementos que dificultam a interação do internauta. Houve a escolha pelo texto não estático, que o internauta não consegue acompanhar com facilidade pelo movimento constante do texto, o que dificulta a leitura. O ideal seria um texto fixo, ou que até estivesse em movimento, mas que se tornaria fixo ao contato com o cursor acionado pelo internauta.

O Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa - CDVHS caracteriza-se como uma ONG que surgiu em 1994 para mobilizar e animar o movimento do grande Bom Jardim, localizado próximo aos bairros Siqueira, Conjunto Ceará, Modubim, entre



outros. O Centro envolve diversas lideranças e entidades que são mencionadas na história da ONG descrita no *site*.

CDVHS foi fundado em 26 de março de 1994, com apoio do então arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider e das seguintes organizações: Cáritas, Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza e Missionários Combonianos. Atualmente, são associadas ao CDVHS vinte e nove pessoas, sendo lideranças comunitárias, militantes de pastorais sociais, profissionais liberais e colaboradores internacionais.

(<http://www.cdvhs.org.br>,2006)

O *site* do CDVHS (<http://www.cdvhs.org.br/>) é extremamente limpo e bem cuidado, sem excessos. Mantém-se fiel a um estilo talvez clássico, talvez elitista. Podemos perceber que esse *site* recebeu um tratamento profissional de qualidade, pois apresenta um equilíbrio em termos de cores e diagramação. Outro fator positivo, é a ausência de grandes efeitos visuais na tela principal. Tudo isso torna a navegação agradável, clara e direta.

As informações dispostas no *site* são colocadas de forma clara, há a apresentação da ONG, seu início e sua relação com o sociólogo Herbert de Sousa, as parcerias, os programas e projetos, que são explicados de forma detalhada. Vale observar que muitos desses projetos não se restringem ao bairro do Bom Jardim. Há uma área no *site* destinada exclusivamente aos debates. Nessa área, são colocados artigos de acadêmicos, fotos com qualidade artística mostrando eventos ocorridos na comunidade

e cenas da própria comunidade. É interessante ressaltar que as fotografias trazem uma legenda explicativa. O *site* traz ainda a possibilidade para o internauta fazer *downloads* de um jornal e de uma revista que são publicados pela ONG.

O *site* do CDVHS apresenta apenas uma enquete, mas esta não tem relação com o bairro e nem mesmo com os projetos da ONG. A enquete está relacionada com os objetivos de desenvolvimento do milênio, que é um projeto da ONU. Consideramos que esse assunto tenha importância, mas o fato de a ONG não apresentar enquete com temas mais próximos da realidade do bairro do Bom Jardim cria uma impressão de afastamento do *site* com a realidade local.

Constatamos que o *site* do CDVHS não apresenta a possibilidade de interação do receptor com o *site*, a não ser através do envio de e-mail. Percebe-se que não há também uma interação com a comunidade. Não há a presença de atividades desenvolvidas por moradores locais, como elaboração de textos, fotografias, depoimentos, etc. O *site* não tem a cara do bairro e nem se torna palco para participação deste.

Diante dessas constatações, perguntamos como a ONG CDVHS promove a relação dos segmentos populares do Bom Jardim com as tecnologias mais atuais: computador, Internet, etc. Afinal, essa perspectiva faz parte de sua proposta ou a utilização do *site* é apenas um marketing publicitário da ONG? Tudo no *site* combina com esse estilo mais cuidado e que certamente se destina a um público específico. Que público é esse? Organismos internacionais que poderiam se tornar parceiros ao conhecer o trabalho? Sociólogos? Outras

ONGs? Eis a questão.

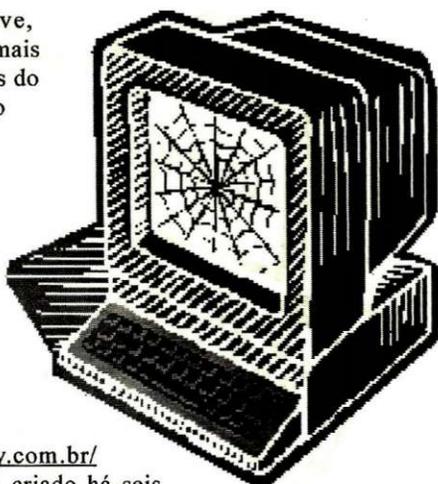
O bairro Ellery é localizado na zona norte de Fortaleza, entre os bairros de Monte Castelo, Pirambu, Carlito Pamplona, Presidente Kennedy e Morro do Ouro e outros. Desde 1986, os moradores do Ellery tinham iniciado sua organização comunitária, primeiro mobilizando-se pela construção da igreja e da sede da associação dos moradores do bairro, depois essas atividades voltaram-se para a distribuição do tiquete do leite. Este último evento deu às mobilizações um caráter assistencialista e de atuação religiosa. Posteriormente, pessoas ligadas ao PCdoB (Partido Comunista do Brasil) passaram a fazer parte do movimento e se juntaram aos membros da igreja na organização da associação dos moradores. Este último segmento era identificado com uma tendência tradicional católica. Em 1987, o movimento popular iniciou diversas ocupações e mutirões no bairro. Esse fato interrompeu o processo de integração entre católicos e militantes. Os integrantes da igreja voltaram-se mais intensamente para um trabalho religioso, enquanto a associação dos moradores definiu um trabalho de mobilização por moradia, creche, dentre outros direitos. A partir de então, essas mobilizações passaram a ter uma característica mais política. A presença do PCdoB no movimento popular do Ellery não deu às mobilizações e à organização no bairro uma característica eminentemente desse partido. Há, sem dúvida, uma presença marcante do partido na associação comunitária do bairro, entretanto, as atividades que a associação comunitária desenvolve exigem do grupo uma relação com setores da igreja, com membros do Lyons

Clube e, inclusive, diálogos com as mais diversas instâncias do Estado, bem como relações com os moradores e comerciantes da comunidade que não são ligados ao Partido Comunista do Brasil.

O *site* do Ellery (<http://www.bairroellery.com.br/ellery/index.php>), criado há seis meses, é um campo com as mais diversas atrações e expressões do movimento popular do bairro. Embora colorido e dinâmico, o *site* não peca por excessos.

Esse *site* apresenta muitas informações sobre assuntos diversos, como história do bairro, entidades culturais e sociais do movimento popular, notícias locais e nacionais, fotografias, etc. Entretanto, isso não compromete a navegação para o internauta. Uma constatação importante é que percebemos um clima de coletividade no processo de criação do *site*.

No botão que apresenta a história do bairro encontramos informações bastante densas, como a história do nome das ruas, que foi levantada por um morador. A participação desse morador demonstra o significado mais coletivo do *site*. Nesse mesmo botão encontramos uma catalogação de todos os equipamentos do bairro, desde a quantidade de praças, as instituições religiosas até os estabelecimentos comerciais. O *site* possui uma agenda do bairro atualizada. Apresenta a galerias de fotos dos eventos realizados no bairro: bloco de carnaval comuni-





tário (Bloco Sai na Marra), quadrilhas juninas do bairro, mobilização realizada durante a Copa de 2006, etc. Com relação aos parceiros, houve um sensível aumento desde que comecei a acessar. Com relação à interação com o receptor e com o bairro em si, o *site* é extremamente rico. Tem diversos mecanismos que permitem esse contato, por exemplo, enquetes com assuntos que dizem respeito ao bairro, possibilidade de criação de conta de e-mail no domínio do bairro Ellery, possibilidade de comentar os artigos e as fotos. O *site* usa colunistas que são moradores do próprio bairro e oferece possibilidade de anúncio nos classificados. A promoção “Minha Rua é mais Brasil”, criada durante a Copa do Mundo, movimentou o bairro e foi tema de reportagens nos jornais e programas de televisão locais.

Dentro do próprio *site* há referência às diversas entidades que fazem parte da organização social do bairro, como bandas de vários estilos musicais, grupos de quadrilha junina, grupos de teatro, etc; porém, não vimos a presença mais efetiva dessas entidades ou grupos no *site* e nos perguntamos por quê. Pensamos que seria uma porta aberta para aproximar ainda mais o *site* dos moradores e aumentar o número de acessos. Esses grupos e entidades poderiam fazer uso do *site* para se expressar, contar sua história, dizer o que fazem. Por outro lado, essa interação acontece com o Bloco Sai na Marra, que é um bloco de carnaval criado no bairro há três anos com o intuito de reconstruir

um pouco da ludicidade do carnaval antigo.

Um fato que chama nossa atenção é a preferência do uso da palavra *sítio*, e não *site*, pelos seus idealizadores. Vemos isso como uma valorização da língua portuguesa, como é explicado no próprio *site*. Não há, porém, uma exploração dessa opção com artigos explicando essa escolha. Apesar de valorizar a cultura local e nacional, a utilização da palavra *sítio*, no lugar de *site*, pode, inclusive, causar confusão ao receptor não acostumado com essa nomenclatura.

O *site* não tem nenhuma área que atraia o público infantil. Desenhos e quadrinhos poderiam ser usados para falar de assuntos sérios de uma maneira mais leve e acessível. Charges também poderiam ser utilizadas com esse fim. Essas alternativas caberiam bem no estilo do *site* que traz o que seria impensado nos outros *sites* analisados.

O *site* do Bairro Ellery é principalmente leve. O compromisso que informa ter com a propagação da cultura e com as melhorias do bairro e, conseqüentemente, com a vida dos moradores não o torna pesado.

#### O uso dos movimentos sociais populares

Não é mais possível manter a visão estreita que percebe a Internet como um palco para o público jovem, que se “encontra” virtualmente e que a usa para entretenimento, quando muito para pesquisa ou que é um instrumento de trabalho. O quadro que se apresenta diante de nossos olhos destrói essa idéia de uso tão restrito. São partidos políticos, ONGs, movimentos sociais, sindicatos e até grupos guerrilheiros que

descobriram esse ambiente interativo, cooperativo e descentralizado e nele viram a possibilidade de difusão de idéias e reivindicações, aproveitando-se do alcance global, da velocidade de transmissão e recepção de mensagens e do barateamento de custos, dentre outras vantagens. Porém, mesmo diante de tantos fatores positivos que atraem a participação de mais e mais grupos, nem tudo são flores.

Sem dúvida, hábitos arraigados não são mudados com um *download* de novas versões. Sua mudança é fruto de persistência e trabalho. O próprio fato de esses atores sociais estarem presentes no ciberespaço é prova de mudanças profundas, pois para isso foi necessário que cada um desses atores quebrasse seus próprios preconceitos com relação à tecnologia e à própria Internet. Foi preciso abandonar a idéia de que a tecnologia sempre se torna servidora das elites (Downing).

Fato notório é que a Internet propiciou visibilidade a esses movimentos e isso é de extrema importância. No entanto, não se trata de simplesmente crer em conto de fadas; há a consciência da existência das barreiras socioeconômico-culturais e também das barreiras que tentam ser impostas no sentido de censura de conteúdos, mas é fato que a Internet tem um potencial que pode ser utilizado para a transformação social. Com tantos discursos diversos e, muitas vezes, completamente contrários coexistindo no mesmo espaço, seria por demais apocalíptico pensar essa nova Ágora sendo dominada por discursos de conotação puramente mercantilista. A acusação de que a rede virtual estaria substituindo a rede social não tem fundamento.

Vale ressaltar que não concebemos o ciberespaço como uma esfera divorciada dos embates sociais concretos. Embora a práxis virtual seja pautada por especificidades que a distinguem claramente dos meios convencionais, há uma relação de complementaridade com o real, que resulta na progressiva hibridação de recursos tecnológicos. Os processos não se anulam, eles se acrescentam e se mesclam (Moraes, 2000).

Se pensarmos na realidade de nosso país e constataremos o quão ínfimo é o acesso à grande rede, desconfiaremos da possibilidade real de todos terem a “cidadania digital”. Parece surgir um novo campo de exclusão, um novo analfabetismo que se junta às mazelas sociais existentes. Porto expressa suas dúvidas e preocupações com relação à introdução ou ao investimento em tecnologia em um país como o Brasil, que ainda precisaria testar as possibilidades e impossibilidades dos meios de comunicação de massa, que seria um passo muito largo demais.

Pensamos que as mudanças não acontecem de forma seqüenciada, seguindo um manual válido para todas as culturas e civilizações. Os avanços tecnológicos na área de comunicação é fato e dele não se pode fugir. A própria luta contra o analfabetismo pode ter a tecnologia como aliada. Barreiras não podem ser encoberdas, mas passos devem ser dados.

O texto de Porto data de 1986, ou seja, do início das reflexões sobre esse tema, mas traz embutido em suas preocupações os aspectos da exclusão digital que mais de 15 anos depois serão apresentados por

outros autores (Castells, 1999; Sorj, 2003; Canclini, 2005). O problema é que o texto de Porto traz afirmações que questionam a convivência do que ele chama de sistema de comunicação massiva (televisão aberta, rádios, etc.) com o novo sistema de comunicação de informação proporcionado pelo computador, pela TV a cabo etc., no contexto dos países pobres. Sua denúncia aparece como um apelo para que essas tecnologias não sejam implementadas antes do fim da era massiva nos países carentes, entre os usuários pobres e analfabetos. Porto utiliza uma expressão por demais forte quando diz: “Ainda pode parecer ridículo falar da instalação de um terminal de videotexto numa favela. Soa mal falar ao mesmo tempo em favela e em telemática, em analfabetismo e em informática e assim por diante”. (Porto, 1986, p. 75).

Por outro lado, este novo uso da informação, ou esse novo modo de pensar a informação, esta nova racionalidade não massiva em relação à informação, tudo isso seria preocupante no caso brasileiro. Este país com 100 milhões de habitantes à margem do processo produtivo, pode rejeitar esse discurso do fim da era massiva nas comunicações, como mais um discurso fora do lugar, mais uma anacronia do pensamento teórico. Num país onde não foram devidamente testadas as façanhas e mesmo as impossibilidades da comunicação de massa, num país onde a “indústria cultural” ainda é tema de grande uso e controvérsia, por que falar de súbito em novas tecnologias da comunicação (NTC)? (Porto, 1986, p. 75).

Compreendemos que Porto (1986) chama atenção para o contexto de desigualdade social que envolve os segmentos pobres do cenário brasileiro. A preocupação do autor é afirmar a necessidade de vencermos o analfabetismo e lutarmos contra a desigualdade social. No entanto, o cenário em que as tecnologias se instalam em nosso cotidiano é dinâmico e não vai esperar por essas soluções. Portanto, consideramos válida a preocupação de Porto, mas acreditamos que é preciso deixar de questionar a emergência das tecnologias desse novo sistema de comunicação e procurar entender o que está ocorrendo realmente com os setores excluídos.

A dimensão que propomos a esta investigação está ligada às reflexões sobre as transformações que estão ocorrendo 2.700 anos após a invenção do alfabeto na Grécia (Castells, 1999). Para Castells (1999, p. 354), essa transformação envolve a “integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa”. O autor ressalta que esse Supertexto integra as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. Ele argumenta ainda que, apesar de a publicidade ser responsável pela difusão de parte da ficção científica em torno dessa questão, não é possível negar esse contexto, mas é preciso tentar afastar-se de excessos e futuro-logias que envolvem essa temática. Castells (1999) afirma que esse novo sistema se desenvolverá abarcando as atividades dominantes e os principais segmentos de todo o planeta. No entanto, nossa questão é se essas principais atividades e os principais segmentos mencionados por Castells envolvem as classes

populares, nosso objeto de estudo. É interessante perguntar também como se dá esse envolvimento ou essa interação.

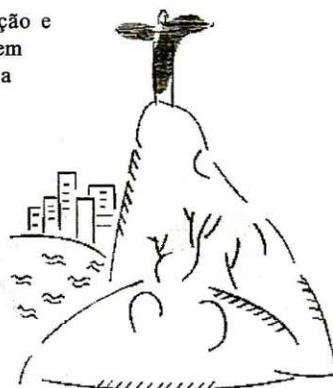
Ao apresentar as reflexões sobre a comunicação mediada por computadores, Castells adverte que essa é uma comunicação ainda recente que se expandirá em ritmo fenomenal, mas que:

ainda excluirá a maior parte da humanidade por um longo tempo, ao contrário da televisão e outros meios de comunicação de massa. (...). Sem dúvida, esse cenário vai mudar com o tempo, mas o índice de difusão da CMC interativa dificilmente alcançará o da televisão por um longo período da história (Castells, 1999, p. 382).

Castells (1999) acredita que sistemas multimídias em versões simplificadas serão disponibilizados para a grande parte da população. “Mas o CMC como tal ficará sob o domínio de um segmento populacional instruído nos países desenvolvidos, contados em dezenas de milhões, porém ainda representando uma elite em escala global” (Castells, 1999, p. 383). Castells (1999) defende que o computador, em seu início, está se consagrando como um meio dos segmentos mais instruídos da população, com propensão a expandir-se nas áreas metropolitanas mais sofisticadas. O autor é da opinião de que os sistemas educacionais colaborarão na expansão dessa tecnologia. No entanto, Castells não acredita que essa tecnologia atinja os segmentos populares dos países mais pobres.

Portanto, embora realmente esteja revolucionando o

processo de comunicação e por meio dele a cultura em geral, a CMC é uma revolução que se desenvolve em ondas concêntricas, começando nos níveis de educação e riqueza mais altos e provavelmente incapaz de atingir grandes segmentos da massa sem instrução, bem como países pobres (Castells, 1999, p. 384).



As reflexões referentes ao acesso mais criticadas em Porto ganham um tom de constatação e evidência em Castells. Entretanto, tais evidências se concretizarão mais ainda nas pesquisas de Bernardo Sorj (2003), quando este autor investiga a realidade do Movimento Viva Rio na sociedade brasileira. As reflexões de Castells ganham reforço nas idéias de Bernardo Sorj (2003), quando este autor também afirma que a relação entre consumidor e bem de consumo material na sociedade moderna de consumo não pode ser percebido apenas a partir do acesso a esse produto (telefone, televisão, internet). Sorj defende que a desigualdade social de acesso a esses bens materiais também se expressa através da “capacidade do usuário de retirar, a partir de sua capacidade intelectual e profissional, o máximo proveito das potencialidades oferecidas por cada instrumento de comunicação e informação” (Sorj, 2003, p. 59). Sorj vai mais além e chega, inclusive, a levantar, mediante análise do projeto Viva Favela, implementado a partir do Movimento Viva Rio, que providências podem ser tomadas para que os setores populares fiquem mais

próximos do que deveria ser uma realidade distante, “ridícula”, ou quase impossível, conforme destacou Porto (1986).

Moraes (2000) também aponta desafios a serem vencidos pelos movimentos contra-hegemônicos para que haja um pleno aproveitamento da Internet. São eles: a necessidade de políticas competentes de comunicação eletrônica, capazes de ampliar o raio de difusão dos sites e a exigência de ampliação do número de usuários conectados, o que pressupõe vencer obstáculos econômico-financeiros, como o custo de computadores e provedores e a simplificação dos procedimentos informáticos de acesso à rede. Para pensarmos em políticas públicas, o caminho inicial parece ser observar como as organizações não-governamentais - ONGs e os movimentos sociais populares estão usando a rede.

É interessante observarmos que os sujeitos sociais atuantes no cenário das classes populares fazem uso dessa estratégia de comunicação nos trabalhos e práticas sociais que desenvolvem em bairros de periferia e, nesse caso, aparecem como mediadores entre as classes populares e essa tecnologia. Neste sentido, tomaremos essencialmente o uso da Internet pelos movimentos sociais populares, as organizações não-governamentais - ONGs e os grupos culturais que, de formas diversas, propõem a aproximação das classes populares com o computador e a Internet de uma forma mais ampla.

As influências da Internet ainda são subsídios para muitas reflexões e pesquisas. Não apenas o usuário conectado é influenciado, mas toda a sua teia de relações sociais e familiares. Surge o fenômeno do acesso indireto e, com ele, a teia se expande. Talvez

se faça útil “deletar” algumas concepções que fazem com que a percepção dos acontecimentos se torne lento.

#### Abstract

This research intends to investigate the uses that the popular movements and not Governmental Organizations (ONGs) of Fortaleza makes of the web. We have observed that in recent years this use became frequent in Brazil. As examples we can check the page of the Radio Favela, in Belo Horizonte, and the site Viva Favela, in Rio de Janeiro, amongst other important national experiences. In Fortaleza, the Ellery Quarter had the closed Radio Mandacaru for the Anatel and meets currently with a site of presentation of the quarter and the popular movement. In the Bom Jardim quarter of Fortaleza we find two ONGs, both using sites. Our research intends to understand the supports and the used languages in the presentation of these sites, observing that these forms supports and languages represent more effective spaces of participation. After this first phase of the field research we have the interest to understand the reasons that take the popular movement to use the practical web as forms of mobilization and construction of its visibility. It is also interesting to verify the results that the communication in net brings for the actors who are involved in these movements. Keywords: Web, Popular movements, Communication.

#### Referência

- CASTELLS, MANOEL, *A Sociedade em Rede (A era da Informação, economia, sociedade e cultura, vol. 1)*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo, sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Tradução Silvana Vieira, São Paulo, Editora Senac, 2002.

ECHEGARAY, Fabian. **Dimensões da Cibercultura no Brasil**. Opinião Pública, Vol 9 n 2 , Campinas, outubro, 2003.

MORAES, Denis. Comunicação virtual e cidadania: Movimentos sociais e políticos na Internet. Setembro, ano III. Vol. 2/2000. <http://www.saladeprensa.org/art156.htm>

NUNES, Márcia Vidal. **Novas tecnologias e cidadania: a internet como fator de politização ou de adequação das comunidades excluídas ao sistema produtivo**. Universidade Federal do Ceará (mimeo), 2006.

PORTO, Sérgio. Dayrell. **As teorias da**

**comunicação de massa diante das novas tecnologias: início do fim da comunicação massiva?**. In: FADUL, Annamaria (org).

**Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e socio-econômicos**. São Paulo, Summus/INTERCOM,1986.

SORJ, Bernardo. **Brasil@.com, a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

<http://www.cdvs.org.br/>

<http://www.bairroellery.com.br/ellery/index.php>



Data do recebimento: 21/08/2006

Data do aceite: 30/09/2006